

Ensaaios Vespertinos

O entardecer da Filosofia



Claudio Donato

Ensaio vespertino
O entardecer da Filosofia

COMPÊNDIO 2018:

Filosofia, Poesia e Literatura.

ENSAIOS:

Athanatos
A dama do véu
Borboletas e dragões
Filosofia e poética metafísica
Marx, Eisenstein: O Capital
Nem todos os cisnes são brancos
O riso do Buda

Athanatos

CRÉDITOS

Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: Claudio Donato foi aluno de Luiz Hebeche, que foi aluno de Ernildo Stein, que foi aluno de Martin Heidegger.

PREÂMBULO

O impetuoso e telúrico, o cientista Athanatos, brilhante arquiteto, experto em natureza do universo, inicia seu projeto titânico contra a arrogância dos deuses.

O projeto consistia em encontrar na natureza do universo e da vida (mortal) um modo de se tornar, ele mesmo, imortal.

Ele não pretendia se tornar um deus, mas sim um homem vivo, contudo, imortal.

Ele sabia que, segundo a natureza do universo, tudo que é vivo, nasceu; e tudo que nasceu morrerá.

Sua façanha científica seria, então, encontrar um modo de subverter a ordem e a legalidade universal: encontrar um modo de ele permanecer para sempre, vivo, mas, também, imortal.

Este audacioso e ambicioso projeto tinha como propósito unicamente criticar a ordem natural, cósmica, pré-determinada, das coisas.

Ele, como cientista genial, sabia que a ideia mais corriqueira e comum daquilo que se poderia chamar de tragédia, está relacionada à morte.

Mas o titânico impetuoso pensava de outra forma: para ele, o trágico não se refere à morte ou à eternidade: ele entendia que tanto o mortal quanto o imortal são, ambos, seres existencialmente trágicos: a tragédia não é ser uma coisa ou outra, o trágico consiste, sim, em não haver escolha entre ser para desaparecer (mortal) e ser para prevalecer (imortal). Ambas as formas de ser são trágicas, mas se houver escolha, há liberdade, como crítica à tragédia em si.

Ele não queria ser um deus.

Ele queria ser, para sempre, homem.

MEANDRO

Athanatos, então, inicia sua ambiciosa e inédita empresa: um empreendimento alquimicamente inédito: de proporções colossais.

Após anos de infinitas tentativas, o audaz cientista encontra um modo de se tornar imortal.

Para a consecução de tal intento, Athanatos deve e teve de manter em absoluto segredo sua descoberta titânica.

E, então, num dia como outro qualquer: *voilà, eureka*: o cientista se submete à metamorfose: tornando-se, assim, imortal.

O segredo do sucesso da ardilosa empresa de Athanatos, no entanto, não escapa à sagaz perscrutação dos deuses.

De modo que o deus dos deuses, senhor do universo profundo e infinito, senhor, também, do universo efêmero, vital e mortal, exige e impõe a Athanatos não um julgamento, mas uma condenação à altura do desacato impetrado pelo impetuoso cientista.

O deus dos deuses, de olímpica majestade, estabelece, então, que se cumpra a seguinte ordem para cumprimento do veredicto: os deuses menores são

convocados a construir inédita prisão, feita de matéria indestrutível e intransponível, em cujo hermético e eterno interior infernal deveria permanecer, para sempre, o homem que ousou se tornar imortal.

E assim se cumpriu a exigência do cósmico senhor do universo.

Athanatos, deste modo, é aprisionado e deverá permanecer imortal e cativo por toda a infinita eternidade.

Athanatos, desde o início da sua perpétua pena, em segredo e silenciosamente, impõe a si mesmo a seguinte e hercúlea tarefa: usar a pena eterna e a eternidade da pena para encontrar um modo de escapar da prisão.

A prisão era feita de matéria, ainda que indestrutível.

Athanatos era feito de matéria, ainda que imortal.

As horas deram lugar aos dias, os dias aos anos, os anos aos séculos, os séculos aos milênios...

Ainda assim, Athanatos se mantinha em silêncio sepulcral; e ele permanecia incorrigivelmente determinado, obstinado e impetuoso em seu propósito de fuga.

Os deuses não tinham acesso aos meandros do silencioso pensamento de Athanatos, mas uma ação recorrente realizada por parte do cativo despertava inesgotável curiosidade e especulação por parte dos deuses.

E que ação repetitiva e repetida há milênios por Athanatos despertava e despertara tal curiosidade divina?

Esta curiosa e estranha ação era a seguinte: o prisioneiro, sem cessar e sem descanso, lançava-se repetidamente contra a parede da prisão.

A humanidade (seres humanos), àquela altura do tempo e do espaço, já houvera sido extinta: Athanatos era o único e último ser humano do universo conhecido.

Num dia qualquer da tediosa e repetitiva vida de Athanatos, ele, o prisioneiro, numa das incontáveis repetições de choques de si mesmo contra o cativo, atravessa a parede da prisão: e era exatamente esse o seu misterioso intento: transpor a prisão.

Ele, gênio físico e metafísico da ciência, sabia que ele próprio não poderia ser destruído, porque imortal. Sabia também que as paredes da prisão, igualmente, não poderiam ser destruídas, porque indestrutíveis.

Como o homem imortal atingira tal objetivo de fuga? Ele não era um deus, nem possuía poderes além de sua humanidade.

Isso, contudo, não explica como o impetuoso lograra êxito em sua fuga, já que as paredes do cativeiro eram de característica e constituição intransponíveis.

O fato, contudo, foi que Athanatos transpôs o intransponível.

Mas como?

Os deuses, em divino estarrecimento, e assombrados com o feito do homem imortal, perguntam a ele como realizara tal prodígio.

Como foi possível a fuga de Athanatos?

DESFECHO

Como foi possível a fuga de Athanatos?

Para saber a resposta a este prodigioso feito, o Deus dos deuses concederia e concedera a Athanatos a realização de todos os pedidos que ele desejasse obter.

E assim ocorreu.

Athanatos, mesmo imortal, ainda era homem: era matéria e espírito: mas não dispunha de nenhum poder sobrenatural ou divino. Seu único poder: ser imortal. Seu único delito: ser imortal.

A segunda façanha de Athanatos ou: resposta ao enigma da transposição do intransponível cativo:

Após se lançar e se chocar contra a prisão por quase infinitas vezes e tentativas, sem obter êxito, do lado de fora da prisão estrelas e constelação nasciam e morriam: a própria humanidade já havia sido extinta.

A segunda façanha do Athanatos cativo fora acessar um alinhamento simétrico perfeito entre o ser dos seus átomos contra e através do não-ser do seu inferno (prisão) presenteado pelo deus dos deuses. Tal feito permitiu a Athanatos, após tentativas impetuosas, por anos, séculos e milênios sem fim, conseguir, numa dessas possíveis e infinitas tentativas, realizar a peripécia: atravessar seu corpo atômico (ser) através do “corpo” não-atômico da prisão que o mantinha cativo. Ele não se destruiu, porque imortal, nem destruiu a estrutura da prisão, porque indestrutível: ele atravessou a parede da prisão.

Athanatos e prisão permaneceram, ambos, íntegros e indestrutíveis.

Pedidos de Athanatos:

Em troca da resposta ao enigma de sua fuga do indestrutível e intransponível inferno:

- Extinção dos deuses menores do Olimpo;
- Tornar-se, ele mesmo, Athanatos (imortal) em Thanatos (mortal);